

**Povos Indígenas no Brasil**

*Amazônia*

Fonte: QESP

Class.: Biodiversidade

Data: 19/11/93

Pg.: A13 11

AMBIENTE

# EUA usam plantas da Amazônia, alerta cientista

*Trabalho é feito sem a participação de brasileiros, que não usam a riqueza da região*

**R**IO — O Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos está testando dois produtos — um anticancerígeno e um anti-Aids — desenvolvidos a partir da sintetização do princípio ativo de plantas colhidas na Amazônia pelo Jardim Botânico de Nova York. O trabalho está sendo feito sem a participação de instituições de pesquisas brasileiras porque, oficialmente, os botânicos norte-americanos não estão colhendo amostras em nosso território.

O alerta foi feito ontem pelo presidente da Associação Brasileira de Química (ABQ), Peter Seidl. Ele disse que, além da Amazônia sofrer a degradação provocada por madeireiras e garimpeiros, laboratórios internacionais retiram compostos da floresta, como o L-Dopa, usado em medicamentos contra o mal de Parkinson. O quilo dessa substância vale US\$ 15 mil, mais do que preço do ouro, cotado a US\$ 13 mil, destacou Seidl.

De acordo com o presidente da ABQ, a biodiversidade da Amazônia vem sendo pesquisada e explorada de forma acelerada pelos grandes laboratórios multinacionais, que mascaram a coleta de plantas e essências em passeios "turísticos" ou outros expedientes não-oficiais. No Brasil, afirma Seidl, ocorre o inverso: a tendência de usar recursos da Amazônia está diminuindo cada vez mais.

A partir de domingo, em Manaus, especialistas de todo o mundo que desenvolvem trabalhos sobre a biodiversidade da região vão apresentar o resultado das suas pesquisas no 1º Simpósio Internacional de Química Amazônica. "Se os garimpeiros soubessem quais plantas tirar da região, ganhariam muito mais dinheiro e não degradariam a floresta", garantiu Seidl.

As empresas instaladas na Amazônia dedicam-se à produção de artigos eletrônicos e todos os incentivos governamentais são canalizados para este segmento de produção. "Não há nenhum projeto de biotecnologia", frisa o presidente da ABQ.

**Peso de ouro** — A idéia principal do simpósio é apresentar aos empresários, principalmente os locais, que a exploração da floresta pode ser feita de forma muito lucrativa com a retirada — não predatória — e venda para indústrias de compostos e essências que têm cotação a peso de ouro, compara Seidl.

O presidente da ABQ acredita que o governo brasileiro pode fechar acordos com institutos de saúde, como o dos Estados Unidos, para não apenas se beneficiar de royalties por medicamentos desenvolvidos a partir das plantas da Amazônia, mas também na utilização, em programas de saúde pública, dos compostos naturais descobertos.

Hoje, devido à falta de incentivos para pesquisa, muitos cientistas de universidades da região acabam enviando o resultado dos seus trabalhos para centros de pesquisa da Europa e dos Estados Unidos, explicou ele.